

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

---

### DESCOMPASSOS ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: NOVOS OLHARES SOBRE UM VELHO PROBLEMA

---

A imagem que visualizamos na capa deste dossiê é, do nosso ponto de vista, um documento icônico para refletir sobre as aproximações e as divergências entre a história e a memória. Ela ilustra a chegada das tropas britânicas e francesas a Gallipoli, próxima ao estreito de Dardanelos, noroeste da Turquia, onde reuniram-se com os ANZAC (*Australian and New Zealand Army Corps*), soldados australianos e os demais beligerantes. A fotografia foi feita por um soldado francês durante a campanha. A região foi palco de uma das campanhas mais sangrentas da Primeira Guerra Mundial. Com a intenção de invadir a Turquia e capturar o estreito de Dardanelos, forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas enfrentaram forte resistência por parte dos exércitos turcos e alemães, o que resultou não só na derrota das forças aliadas, mas sobretudo em um dos maiores massacres ocorridos durante os conflitos da Primeira Guerra.

As divisões compostas por soldados australianos e neozelandeses, conhecidas pela sigla ANZAC (*Australian and New Zealand Army Corps*), sofreram perdas significativas durante esta campanha e atribuíram às tropas britânicas a responsabilidade pelo fracasso das operações, tendo em vista o despreparo e a crueldade dos comandantes britânicos. Diante disso, ancorados na força da memória e não em eventos históricos consagrados oficialmente, os veteranos de guerra da Austrália e da Nova Zelândia optaram por substituir o Dia do Armistício, comemorado mundialmente na data de 11 de novembro, pelo Dia do ANZAC, cuja data — 25 de abril — é celebrada por eles com o objetivo de rememorar o início da batalha de Gallipoli, em 1915.

Este fato, associado à percepção do vivido, para além de nos levar a refletir sobre as aproximações e os descompassos entre a história e a memória, também coloca em evidência o papel da memória como um elemento essencial na construção identitária de grupos sociais.

Todavia, vale lembrar, conforme nos alerta Pierre Nora, que memória e história, longe de serem sinônimos, situam-se em campos opostos, pois, como destaca o autor,

a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Dando continuidade a este raciocínio, Nora afirma que “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado” (NORA, 1993, p. 9).

Todavia, se considerarmos que a memória é uma reflexão sobre o mesmo passado que é construído pela história, podemos dizer, baseando-nos em Le Goff, que, embora em campos distintos, elas mantêm relações simbióticas, uma vez que ambas realizam recortes de uma realidade já construída.

Ao refletir sobre a correlação entre estes dois conceitos, Le Goff afirma ainda que “o tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta” (LE GOFF, 1990, p. 9).

É no cruzamento da temporalidade histórica com as diferentes temporalidades da memória e do esquecimento, sem deixar de levar em conta as tensões presentes entre estas duas formas de acessar o passado, que os artigos que compõem este dossiê se situam.

No artigo que abre este dossiê, o historiador australiano Alistair Thomson realiza uma reflexão historiográfica sobre a emergência e a consolidação da História Oral nos últimos 50 anos. Além de chamar a atenção para as contribuições trazidas pela metodologia da História Oral na produção de novas fontes de pesquisa, o autor também destaca o seu caráter interdisciplinar, possibilitando o diálogo da história com outras áreas do conhecimento que vão da antropologia à psicologia, passando pela linguística, pela literatura e pela sociologia. Por fim, avalia o potencial e as

limitações da História Oral, apontando-se alguns caminhos para evitar as projeções subjetivas e os procedimentos para criar fontes representativas que sirvam à pesquisa histórica e ao público mais amplo.

Na sequência, o artigo da historiadora argentina Silvina Jensen, especialista em História Comparada e Transnacional dos exílios, explora alguns dos empreendimentos simbólicos realizados por exilados das ditaduras brasileira, uruguaia, chilena e argentina entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980. A autora mostra como as análises realizadas a partir de diferentes abordagens analíticas ou através da recuperação de testemunhos e memórias convergiram na preocupação de tornar visível a pluralidade do exílio como gesto político. Um gesto que se opôs à mitificação, à criminalização, à banalização, à fetichização e à simplificação num contexto acalorado de lutas pelo sentido do exílio que envolveu os derrotados pelas ditaduras dentro e fora destes países, mas sobretudo confrontou os exilados com os respectivos governos militares.

Em seguida, o artigo de Cláudia Pedone, especialista em geografia humana, problematiza, com base em fontes orais, a questão das maternidades migrantes, com ênfase na transformação de papéis que as mulheres migrantes da América Latina têm experienciado nos últimos trinta anos. Tendo em vista a luta política travada por elas no sentido de fazer frente não só à interpelação dos estados de origem, mas também à externalização de fronteiras dos organismos internacionais, a autora faz uma análise histórica de como as mães migrantes se posicionaram e foram posicionadas na gestão da migração, desde a naturalização de seus papéis, seus lugares sociais e a estigmatização de suas primeiras estratégias e trajetórias migratórias até sua presença em âmbitos de disputa política a partir da socialização de suas maternidades.

Alinhada aos objetivos deste dossiê, de refletir sobre os encontros e desencontros entre história e memória, a historiadora social Rosângela Patriota promove uma instigante reflexão sobre a memória histórica do Teatro Oficina de São Paulo, no contexto dos anos 1960. A partir da análise de um conjunto de fontes orais, constituído de testemunhos e entrevistas, bem como de outras fontes bibliográficas, a autora mostra como estes documentos orais e escritos tornaram-se, ao longo dos anos, as bases interpretativas para as produções historiográficas sobre aquele espaço cultural.

Com o intuito de aprofundar as discussões sobre a reconstrução da memória geracional sobre o período da ditadura civil-militar no Brasil, os especialistas na área de cinema Laécio Ricardo de Aquino Rodrigues e Sara

Rebeca Paulino de Brito analisam três filmes que se inserem na tradição do documentário em primeira pessoa, dirigidos por filhas que, pela via cinematográfica, desejam reencontrar algo da trajetória dos seus pais; são produções que, com intenções e resultados diferentes, recorrem às imagens de arquivo para reelaborar uma memória familiar e assim recuperar histórias de vida que, em maior ou menor grau, sofreram reviravoltas com a instauração do regime militar no Brasil em 1964.

Fechando a seção referente a este dossiê, Alyson Matheus de Souza e Andrey Minin Martin, amparados em um debate histórico e antropológico, analisam como as relações entre pessoas, espaços, materialidades e memórias influenciam na construção de sentidos sobre a cidade e sua história, evidenciados em documentos do poder público local e veículos eletrônicos de notícias. Partindo de um estudo de caso, que tem como objeto de estudo bens patrimoniais e monumentais da cidade de Campo Grande/MS, promovem um estudo na tentativa de compreender como os monumentos analisados, projetados para presentificar o passado, podem ser considerados materialidades envolvidas em disputas e tensões, propensos a transformações simbólicas e materiais, a depender dos acontecimentos ocorridos em seus entornos.

Este volume da revista *História: Questões & Debates* conta ainda com cinco artigos, em sua Seção Livre. No primeiro deles, intitulado “Poder das massas, impotência do indivíduo”, a socióloga francesa Claudine Haroche retoma reflexões de intelectuais que desde o final do século XIX revelaram em seus escritos uma série de impressões e pressentimentos sobre o fenômeno do poder das massas e o concomitante desenraizamento do indivíduo, para discutir os desdobramentos destes fenômenos no cotidiano de um novo sujeito histórico. Na sequência, o historiador Fábio Bacila Sahd, no artigo intitulado “O debate sobre o *apartheid* israelense à luz do caso sul-africano e do direito internacional. A pertinência e os limites de uma analogia dual”, faz uma revisão bibliográfica e documental crítica do já amplo debate sobre a possível prática de *apartheid* pelo Estado de Israel, que ganhou corpo no novo milênio, diante do fracasso do processo de paz. Já o terceiro texto, “Lei e corpos femininos no início do séc. XX no Brasil: notícias do *Correio da Manhã*”, de autoria de João Roberto Barros II e Isadora Alves Flores, promove, a partir de uma releitura dos argumentos de Michel Foucault sobre o poder, uma revisão bibliográfica sobre o discurso jornalístico como ferramenta de produção de corpos e condutas femininos. Em seguida, Daniele Medeiros, no artigo “O remo de mulheres nos clubes

de regatas paulistas (1920-1930)”, investiga a prática do remo pelas mulheres nos clubes de regatas paulistanos e campineiros em um momento de crucial esportivização dessa prática no Brasil. Fechando esta seção, o artigo “Associações científicas e historiografia: estratégias e práticas entre os grupos ANPUH e SBPC (1971)”, de autoria de Bruna Silva e Beatriz Anselmo Olinto, busca problematizar o lugar da historiografia no interior de duas renomadas associações científicas do Brasil no início da década de 1970.

\*\*\*

Fechando este número da revista, temos a publicação da resenha escrita por Nilva Lenz Zimmermann, sobre a obra “Avá-Guarani: a construção de Itaipu e os direitos territoriais”, publicada em 2019 pelos autores Gustavo Kenner Alcântara, João Akira Omoto, Júlio José Araújo Junior e Luciana Maria de Moura Ramos.

Por fim, queremos agradecer a contribuição das autoras e dos autores e desejamos a todas/os uma excelente leitura!

Roseli Boschilia e Silvina Jensen (organizadoras)

## *Referências*

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PdVbB-kp33Ct4eehnNWz-CJrCsfpTZIp/view>. Acesso em: 15 set. 2023.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.